



ADIVINHE SE É CAPAZ

Abre a roda, tindô-lê-lê...
Abre a roda, tindô-lá-lá...
Abre a roda, tindô-lê-lê,
tindô-lê-lê, tindô-lá-lá.

Dona Anta não quer que eu conte.
Mas agora eu vou contar...

Dona Onça não quer que eu conte,
Mas agora eu vou contar...

Seu Gambá não quer que eu conte.
Mas agora eu vou contar...

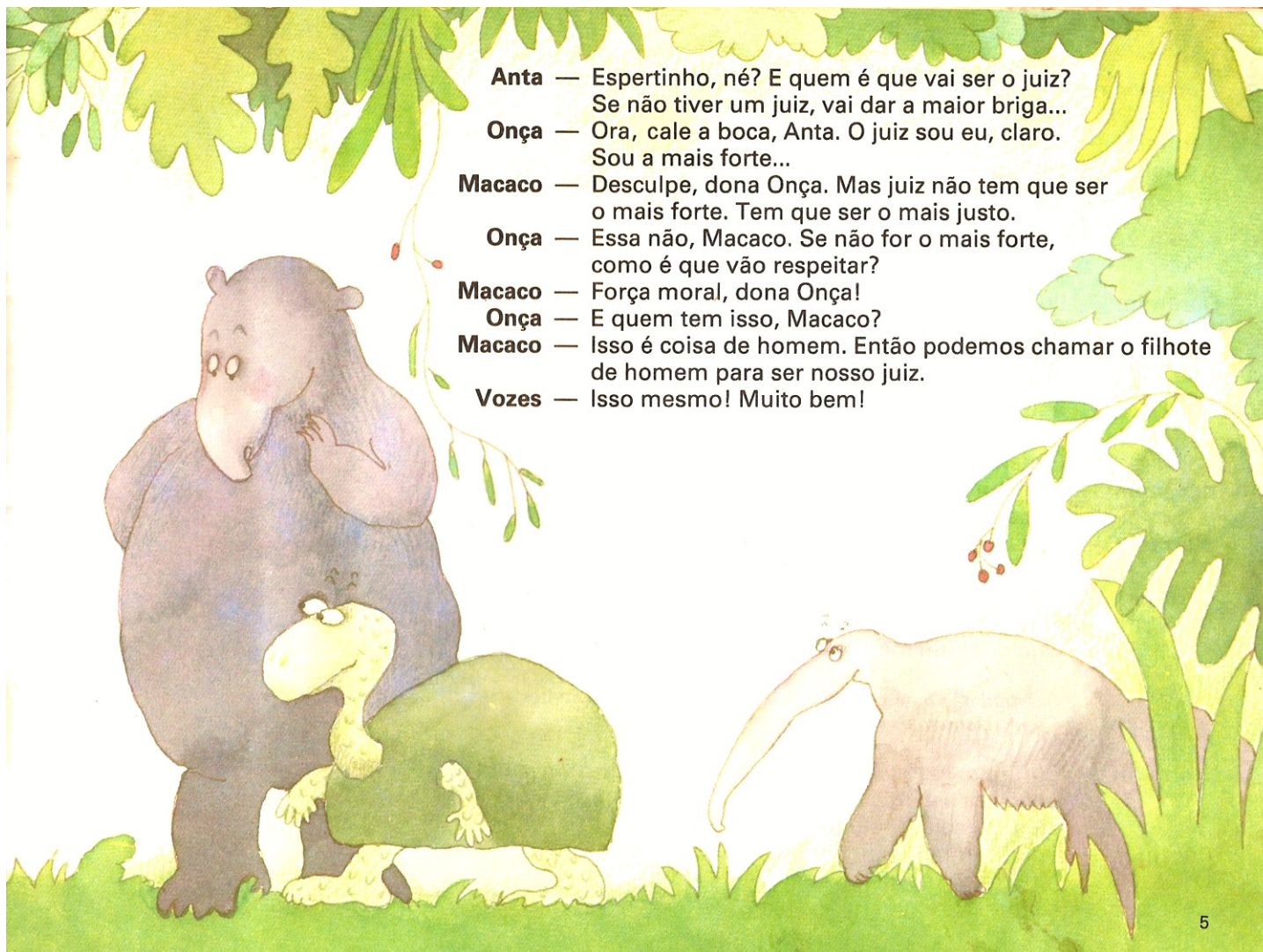
Seu Quati não quer que eu conte.
Mas agora eu vou contar...

Seu Quati não quer que eu conte.
Mas agora eu vou contar
a história de um Jabuti
que ia longe, devagar...

Abre a roda, tindô-lê-lê...
Abre a roda, tindô-lá-lá...
Abre a roda, tindô-lê-lê...
Tindô-lê-lê, tindô-lá-lá...

História: ANA MARIA MACHADO
Ilustrações: EVA FURNARI





Anta — Espertinho, né? E quem é que vai ser o juiz?
Se não tiver um juiz, vai dar a maior briga...

Onça — Ora, cale a boca, Anta. O juiz sou eu, claro.
Sou a mais forte...

Macaco — Desculpe, dona Onça. Mas juiz não tem que ser
o mais forte. Tem que ser o mais justo.

Onça — Essa não, Macaco. Se não for o mais forte,
como é que vão respeitar?

Macaco — Força moral, dona Onça!

Onça — E quem tem isso, Macaco?

Macaco — Isso é coisa de homem. Então podemos chamar o filhote
de homem para ser nosso juiz.

Vozes — Isso mesmo! Muito bem!

- Narrador** — E chamaram o Curumim para ser o juiz do Concurso de Esperteza. Ele chegou e foi logo perguntando...
- Curumim** — Coelho, qual a sua esperteza?
- Coelho** — Bem, um dia eu apostei que ia montar numa Onça. Fingi que estava doente e não podia andar. Ela pensou que ia me levar para a casa dela e me comer. Aí me deixou botar sela, espora e montar. E eu ganhei a aposta. De chicote e tudo. Levei a Onça pra onde quis.
- Curumim** — Foi bem esperto mesmo. E você, Raposa... Qual é a sua esperteza?
- Raposa** — Uma vez uma Onça ficou me esperando na beira do rio pra me pegar. E eu, morrendo de sede! Na hora de beber água, rolei no mel, depois numas folhas secas, que grudaram em mim, e fingi que era bicho-folhagem. Enganei a Onça direitinho!
- Curumim** — Foi bem esperta mesmo. E vocês? Qual foi a esperteza de cada um?
- Narrador** — Cada bicho foi se gabando, contando vantagem, casos de sabido...
- Curumim** — E você, Jabuti, não conta nada?
- Jabuti** — Tenho nada pra contar, não. Eu sou é muito bobo. Qualquer um me engana...
- O Jabuti não quer que eu conte, mas agora eu vou contar...
Qual o bicho mais esperto que vai longe, devagar...*
- Narrador** — Curumim logo viu que aquela conversa de dizer que era bobo era esperteza do Jabuti, pra ninguém prestar atenção nele. Aí teve outra idéia...
- Curumim** — Vou fazer uma pergunta bem difícil. Quem acertar ganha o prêmio de esperteza.
- Macaco** — Qual é o prêmio?





Curumim — Bem... a melhor coisa da mata é fruta.
Então o prêmio é fruta. As melhores frutas da floresta!
Quem ganhar escolhe quantas frutas quiser!

Vozes — Viva! Oba! Oba!

Macaco — Mas, escuta... Como vai ser a pergunta?

Curumim — Pergunta de adivinhar. Daquelas que começam assim:
o que é, o que é?

Narrador — E ficaram todos pensando em todas as adivinhas
que conheciam...

*Quem adivinha o que é
que cai em pé e corre deitada
e faz a terra ficar molhada?
Adivinha o que é?
— A chuva é que é!*

*Tem asa, não voa nada...
Tem bico, mas não dá bicada...
Ave não é!
Adivinha o que é?
— Bule de café!*

*Quanto mais se tira,
fica maior...
Quanto mais se bota,
fica menor... O que é?
— Um buraco qualquer!*



Narrador — E o Curumim continuou a organizar o tal concurso.

Curumim — Quem vai ser o primeiro candidato?

Todos — Eu, eu, eu...

Curumim — Vamos, façam uma roda... Vamos tirar na sorte!

Vozes — Hoje é domingo... Pé de cachimbo!

Cachimbo é de barro... Bate no jarro!

O jarro é de ouro... Bate no touro!

O touro é valente... bate na gente!

A gente é fraco... Cai no buraco!

O buraco é fundo... E acabou-se o mundo!

Curumim — Pronto! Dona Onça vai ser a primeira candidata.

Vamos lá! O que é, o que é, dona Onça,
que fica acima do Céu?

Onça — Ovo!

Todos — Ovo, dona Onça?

Onça — É ovo, sim! Já vi muita pergunta que começa assim:
o que é, o que é? E a resposta é sempre ovo.

Narrador — Se não fosse resposta da Onça, todos tinham caído
na gargalhada. Mas, com medo, só riram abafado...
E foram concordando com dona Onça...

Coelho — É isso mesmo! Dona Onça tem razão! O que é, o que é?
Uma casinha branca, sem porta e sem tranca? É ovo...

Anta — É... Dona Onça tem razão! O que é, o que é?
Uma caixinha branca, de bom parecer, não há carpinteiro
que possa fazer? Ovo!

Tamanduá — É isso mesmo! Dona Onça está certa!
O que é, o que é que pra melhor se usar se tem que
quebrar? Também é ovo...







Narrador — Assim ficou combinado e todo mundo foi para casa, pensando naquelas adivinhações...

*Uma casinha branca, sem porta,
sem tranca, nunca fica de pé!
Adivinha o que é?
— O ovo é que é!*

*Que quanto mais você dá e divide,
mais cresce, parece multiplicar!
Quem adivinha o que é?
— Que é amar!*

Narrador — No dia seguinte, bem cedo, lá vinham os bichos trazendo uma porção de frutas! E fizeram um monte tão grande, que nem dava pra contar...

Vozes — Um, dois... Feijão com arroz!
Três, quatro... Feijão no prato!
Cinco, seis... Fruta de vez!
Sete, oito... Comer biscoito!
Nove, dez... Comer pastéis!
Onze, doze...





Jabuti — É minha! Como tem fruta chamada uma!
Narrador — De uma em uma, ficou com toda a pilha.
Fruta de sobra, pra dividir com os amigos e toda
a família. E foi uma festança, com muita música
e muita dança!

*Fecha a roda, tindô-lê-lê...
Fecha a roda, tindô-lá-lá...
Fecha a roda, tindô-lê-lê,
tindô-lê-lê, tindô-lá-lá.*

*O pessoal não quer que acabe,
mas já é hora de acabar
a história do Jabuti
que ia longe, devagar...*

